

CORPOS VIOLADOS: DISCURSOS SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL NAS FOTOGRAFIAS DO PROJETO *UNBREAKABLE*

Daniel Cisneiros¹

Neste trabalho pretendo compartilhar algumas reflexões que venho desenvolvendo sobre os corpos de vítimas de violência sexual (doravante, VS) que aparecem nas fotografias do projeto *Unbreakable* (2011-2015). Interessa-me, especialmente, compreender como experiências de VS são discursivizadas pelas vítimas de maneira verbal e visual a partir da nomeação de seus corpos em cartazes e de sua exposição em fotografias. Essa problemática se insere em um esforço conjunto dos analistas de discurso de transcender a abordagem do texto verbal e pensar as questões da discursividade em materialidades outras, como a imagética e a corpórea. É importante destacar que este trabalho registra uma reflexão que ainda está em curso e, portanto, é passível de alterações, supressões e acréscimos.

Nosso interesse no projeto fotográfico *Unbreakable* reside principalmente no fato de que ele busca dar voz a vítimas de VS² e, ao fazê-lo, permite a circulação de discursividades forjadas no bojo de experiências de opressão e violência. A principal diferença entre o projeto *Unbreakable* e iniciativas similares³ está na utilização da imagem para permitir a circulação dessas discursividades. Soma-se a isso a exigência da presença do corpo das vítimas nas fotografias enviadas ao projeto, o que converte essas fotografias em objeto de singular interesse para o analista de discurso, tendo em vista que a materialidade na qual ocorre a experiência de VS (o corpo da vítima) é a materialidade utilizada para a tentativa de superação dessa mesma experiência.

¹ Graduado em Letras-Crítica Literária (UFPE), graduando em Direito (UFPE), mestrando em Direitos Humanos (UFPE). E-mail: dcisneiros@gmail.com.

² Vítimas de VS constituem um grupo social que geralmente não vêm a público e, mesmo vindo, evita expor sua imagem ao grande público, sendo a circulação de seus discursos geralmente restrita a ambientes específicos como o ambiente jurídico e o ambiente clínico.

³ Como, por exemplo, o projeto *Survivor Stories*, que reúne publicamente relatos de VS no Tumblr homônimo, disponível em: <http://survivorstories.tumblr.com/>. Acesso em: 12 nov. 2014.

O PROJETO UNBREAKABLE

O *Projeto Indestrutível – A Arte da Cura (Project Unbreakable – The Art of Healing)* se caracteriza por reunir e expor fotografias de pessoas que sofreram agressão sexual no site <http://projectunbreakable.tumblr.com/>, além de realizar palestras de promoção da conscientização sobre VS. Ele foi idealizado em 2011 por Grace Brown, uma fotógrafa residente em Massachussets (USA), e tem como objetivos “*dar voz a sobreviventes de agressão sexual*”, “*umentar a conscientização sobre agressão sexual e incentivar a cura através da arte*”⁴.

Nas fotografias que compõem o projeto, as vítimas seguram cartazes com textos que materializam lembranças dos ataques sexuais ou mensagens dirigidas aos agressores e ao público em geral (conferir exemplos adiante). Algumas dessas fotografias foram produzidas por Grace Brown, enquanto as restantes foram enviadas pelas próprias vítimas para a equipe do projeto. Embora qualquer pessoa possa contribuir para o projeto, ele recebe predominantemente fotografias de mulheres norte-americanas.

Inicialmente, as fotografias submetidas ao projeto deveriam seguir quatro critérios para serem publicadas, conforme informações do site oficial: a imagem deveria ser nítida e legível, a própria vítima deveria aparecer na imagem (mais ninguém), nenhum nome deveria ser citado e os cartazes deveriam reproduzir (entre aspas) alguma coisa dita pelo agressor durante a experiência de VS⁵. No entanto, com o passar do tempo, os critérios se tornaram mais flexíveis e, assim, podemos encontrar imagens sem a vítima ou sem a fala do agressor. Em algumas, há o que outras pessoas disseram sobre a agressão, em outras, há mensagens da vítima para o atacante (conferir exemplos abaixo).

⁴ Tradução livre de: “to give a voice to sexual assault survivors”, “increase awareness of the issues surrounding sexual assault and encourage the act of healing through art”. Entendemos que o termo “art” é empregado pela autora em sentido amplo, tendo em vista que não há nessas fotografias a elaboração estética característica dos objetos que conhecemos como obras de Arte.

⁵ Certamente, as mensagens reproduzidas nesses cartazes não são citações literais da fala dos agressores, mas aquilo que dessa fala ficou registrado na memória da vítima.



Imagem 1 – “Apenas chupe-o e supere isso”⁶



Imagem 2 – “Não se lembre disso pela manhã” – Idade: 20 anos. Eu estava bêbada demais para dizer alguma coisa. Ele era meu amigo.”⁷



Imagem 3 – “É por Isso que temos leis proibindo o consumo de bebida alcoólica por menores de idade! ISSO É CULPA SUA! Se você não tivesse bebido, isso não teria acontecido com você” – Polícia de St. Petersburg quando eu tentava prestar queixa. Idade: 18 anos, primeiro mês de faculdade”⁸



Imagem 4 – “ENGASGUE ou MORRA Puta.’ Eu sou Mais Forte que isso e EU ME CURAREI!”⁹

⁶ <http://projectunbreakable.tumblr.com/post/61609404803/the-poster-reads-just-suck-it-up-get-over>.

⁷ <http://projectunbreakable.tumblr.com/post/62175579410/submissions-from>

⁸ <http://projectunbreakable.tumblr.com/post/57903287998/this-is-why-we-have-underage-drinking-laws-this>

⁹ <http://projectunbreakable.tumblr.com/post/58265143811/choke-on-it-or-die-bitch-i-am-stronger-than>.

DISCURSO, CORPO E FOTOGRAFIA

Nossa reflexão encontra embasamento na Análise do Discurso de orientação francesa, mas dialoga com as contribuições advindas de outras correntes teóricas. Acreditamos na necessidade de apreender a linguagem em sua relação com o que não é propriamente linguístico, mas é constitutivo do processo de significação, o que significa que trabalhamos com a linguagem enquanto discurso e, portanto, enquanto interação e “lugar privilegiado de manifestação da ideologia”.

Compreendemos ainda a linguagem em uma perspectiva dialógica, o que nos permite reconhecer nessas fotografias uma teia de enunciados advindos de diversas vozes sociais e orquestrados pela figura discursiva do enunciador, que se apresenta ora como a fotógrafa Grace Brown, ora como as vítimas que enviaram suas próprias fotografias. A noção de *ethos* discursivo se soma às nossas reflexões, permitindo compreendermos a maneira como as vítimas aparecem nas fotografias, construindo imagens de si no processo de enunciação que legitimam suas próprias falas.

O corpo aparece em nosso trabalho como uma materialidade significativa produzida historicamente e composta por três dimensões, conforme Simone Hashiguti (2007; 2012): a **empírica** (biofísica) (“*organismo biológico com estrutura e sintaxe fisiológicas e biomecânicas próprias*”), a **imaginária** (“*representações sociais, antecipações, expectativas de falas e gestos*”) e a **simbólica** (“*constituído e significado por memória discursiva, memória de linguagem que constitui o sujeito e possibilita historicamente o dizer e o fazer*”).

Já as fotografias são entendidas, em uma leitura etimológica, como grafias produzidas pela manipulação da luz. Enquanto imagens cuja existência foi possibilitada historicamente por condições materiais de produção, elas se apresentam como materialidades significantes transpassadas pela subjetividade (ainda que aparentem representar o “real” com objetividade) e, portanto, suscetíveis à análise dos discursos. Essa perspectiva dialoga com a concepção ampliada de enunciado defendida por Foucault (2014 [1969], p. 99) que reconhece a necessidade de analisarmos os enunciados não verbais. Dialogamos também com Hashiguti (2012, p. 101), quando ela afirma o seguinte sobre a relação entre fotografia e discurso:

Discursivamente, e como pensada neste trabalho, a foto é uma unidade óptica à espera de interpretação. Não é algo que fala por si mesmo, no sentido de conter um conteúdo a ser resgatado, mas uma materialidade simbólica cujas especificidades demandam o gesto de interpretação ao nível do opticamente acessível e do historicamente possível, isto é, uma foto é uma materialidade produzida, disponibilizada e interpretada a partir de determinadas condições de produção e na relação com a história: aquele que olha uma foto o faz porque tem condições empíricas (capacidade de visão, presença de luz, presença da imagem, de cores etc.) e condições históricas e de linguagem, e porque a interpreta já de uma posição discursiva e não de outra, já afetado por memórias de representação, pelos saberes que o constituem.

Nesse sentido, o corpo das vítimas aparece como materialidade discursiva primeira na qual podemos observar a problemática da VS, sendo a fotografia uma materialidade segunda que possibilita uma espécie de “cristalização” de uma determinada interpretação desse corpo. Essas observações constituem os pressupostos que embasam nossa reflexão sobre as fotografias que constituem o projeto *Unbreakable*.

PROBLEMATIZANDO O DISCURSO DOS CORPOS VIOLADOS

Em sua dimensão empírica, os corpos das vítimas de VS não aparecem enquanto tais, tendo em vista que sua singularidade não costuma ser visível (exceto quando a VS produz alterações físicas que marcam aquele corpo, configurando-o como um corpo agredido/violado). Sendo assim, a mera exposição desses corpos não produz nem agencia discursos relativos à VS. É preciso que esse corpo seja apresentado linguisticamente em sua particularidade para que sua materialidade condense tais discursos. Nesse momento surge uma nova problemática, de natureza linguística, discursiva e, portanto, política: como designar esse corpo e, por extensão, esse sujeito que sofreu VS?

Desse questionamento, surge outro, ainda mais interessante para nossa reflexão. Deslizamos da pergunta “como nomear esses corpos” para a pergunta “como esses corpos/sujeitos vêm sendo nomeados?”. E, ainda mais, “quem têm nomeado esses corpos/sujeitos?”. Até então, falamos em “vítimas”, correndo o risco de imputar a essas subjetividades toda uma série de traços historicamente associados a esse termo (dentre os quais se destaca o traço “passividade”, no

binômio “agência x passividade”). Importa, portanto, resgatar a história das designações a esses sujeitos e esses corpos por enunciadores diversos, como os próprios agressores, as próprias “vítimas”, a sociedade, o analista do discurso e, no caso de nosso *corpus*, os idealizadores do projeto *Unbreakable*.

Voltando ao corpo, temos a constituição da dimensão imaginária a partir do momento em que esses corpos empíricos são apresentados enquanto corpos violentados. Aparecem, então, as representações sociais sobre estupro, abuso sexual e outras formas de VS. Aparecem também as antecipações/expectativas de gestos e falas. Retorna aqui, portanto, a imagem, anteriormente mencionada, da invisibilização da vítima de VS, construída sobre um conjunto recorrente de práticas sociais de silenciamento dessas vítimas (o que se torna ainda mais grave quando as próprias vítimas subjetivam o silenciamento, negando-se a assumir e/ou externalizar sua condição e sua história).

É com essas representações e antecipações/expectativas que as fotografias dialogam diretamente, tendo em vista, como dissemos, que os enunciados (verbais e visuais) que as constituem são produtos da concertação de diversas vozes sociais. Surgem, então, para nossa reflexão questões diversas, dentre as quais destacamos duas: a) o que a exposição desses corpos e dessas vítimas diz/significa sobre a VS?; e b) esses dizeres e significados (isto é, esses discursos) mantêm que relações com os discursos hegemônicos sobre a experiência da VS?

Sem percebermos, já entramos na dimensão simbólica do corpo, tendo em vista que ele já se apresenta, nesse momento, como espaço de significação de experiências de VS e, também, como espaço de ressignificação dessas experiências (enquanto uma busca pela superação do trauma). O corpo se apresenta, portanto, como um lugar de memória. Nesse sentido, é importante refletirmos sobre a relação desse lugar de memória com a sociedade: a) o que esse corpo resgata da história da sociedade a partir da memória discursiva que o significa? b) e o que esse corpo instaura, enquanto um possível acontecimento discursivo?

FINALIZANDO ESTE COMEÇO

Tendo em vista que esse trabalho se constitui como um retrato fotográfico de uma reflexão em processo, longe ainda de “tomar corpo”, ainda não tenho respostas para nenhuma das reflexões acima levantadas. Sendo assim, concluo esse texto recuperando minhas primeiras impressões sobre as fotografias que constituem o projeto *Unbreakable*, por acreditar que nelas se escondem algumas pistas para encontrar as respostas requeridas pela minha problematização. Vamos a elas.

Acreditamos que a decisão das vítimas de expor publicamente seus corpos e a condição de pessoas cujos direitos sexuais foram violados possibilita o reestabelecimento de suas dignidades e a devolução simbólica, através do discurso verbal e imagético, do poder sobre o próprio corpo. Ao tomarem as rédeas sobre seus corpos, as vítimas reconhecem que suas experiências de VS, ainda que sejam parte inimputável de suas vidas, não as impedem de seguir adiante enquanto sujeitos de seu próprio destino. Essa reapropriação simbólica traz, como efeito de sentido, a passagem da condição passiva/silente de vítima para a condição ativa/depoente de sobrevivente.

Nessa condição ativa, as vítimas retomam as falas de seus violadores, retirando-as da situação original de enunciação e submetendo-as a uma nova enunciação, (na qual, por mais fiel que seja a “citação”, haverá um novo enfoque dado pelo enunciador citante), e invertem a situação a que foram expostas, obrigando seus agressores (representados por seus enunciados) a falar por elas. Em outras palavras, as vítimas se apropriam de enunciados que serviram para a violação de seu corpo, tornando-se agentes do discurso que outrora as oprimiu e agora pode vir a libertá-las através de um movimento catártico de “expição”.

Além disso, como explica Barthes (1984, p. 22), o sujeito se transforma em imagem no momento em que é fotografado, estando essa transformação muitas vezes associada ao sentimento da “criação” de um “novo corpo”. Essa “transformação”, portanto, pode estar associada a efeitos simbólicos sobre as vítimas de VS, cujos corpos estão marcados (fisicamente ou simbolicamente) pela experiência de VS. O ato de ser fotografado, portanto, significaria uma reconstrução simbólica do corpo, que associada à reapropriação simbólica do corpo (já

proporcionada pelos discursos verbais e visuais), contribuiria para a superação do trauma.

Nesse novo corpo, o cartaz adquire um papel simbólico bastante importante. O cartaz é sustentado pela vítima e empunhado como um escudo, o que lhe permite se proteger da total exposição de seu corpo. Ao mesmo tempo, o cartaz representa a agressão sofrida pela vítima, agressão que foi filtrada pela memória e materializada no texto verbal que constitui o cartaz. Tanto como agressão quanto como proteção, o cartaz parece se integrar ao corpo das vítimas, sugerindo que a experiência de agressão sexual constitui a materialidade daqueles corpos. É nas fotografias, portanto, que a VS se reconfigura na história daquele corpo, dotando-o de uma aura, no sentido benjaminiano, de indestrutibilidade.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

HASHIGUTI, Simone Tiemi. Um corpo na fotografia do jornal. *Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p. 98-103, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/901/820>>. Acesso em: 09 abr. 2015.